

# DESCONSTRUINDO PRECONCEITOS SOBRE A HOMOPARENTALIDADE

Jorge Gato e Anne Marie Fontaine

*Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto  
jorgegato@fpce.up.pt*

## RESUMO

Não obstante a investigação não ter evidenciado diferenças significativas ao nível do desenvolvimento psicológico das crianças provenientes de famílias homoparentais versus famílias heteroparentais, subsistem percepções sobre os efeitos negativos da homoparentalidade. Derivando de uma visão heteronormativa da família, estas percepções poderão constituir um factor de stresse para as famílias homoparentais, ganhando contornos particularmente graves se forem evidenciadas pelos profissionais da rede psicossocial que atendem às suas necessidades. Neste trabalho, efectua-se uma revisão da investigação psicológica sobre o desenvolvimento psicológico de crianças educadas em contexto homoparental, maioritariamente em famílias encabeçadas por lésbicas. Os resultados destes estudos são confrontados com as atitudes de estudantes e profissionais de diversas áreas psicossociais no que diz respeito à homoparentalidade, particularmente com os dados de um estudo português em curso. Finalmente, são delineadas algumas implicações em termos da formação dos agentes psicossociais.

## PALAVRAS-CHAVE:

Homoparentalidade / Desenvolvimento psicológico / Preconceito/ Educação

## 1. INTRODUÇÃO

Desde os anos 70, numerosos estudos internacionais<sup>1</sup> têm-se debruçado sobre as famílias homoparentais. Estas investigações têm incidido, principalmente, nas seguintes dimensões: práticas parentais de pessoas homossexuais, desenvolvimento psicológico de crianças educadas em contexto homoparental e atitudes perante a homoparentalidade (para revisões destes estudos ver: Anderssen, Amlie, & Ytteroy, 2002; Biblarz & Stacey, 2010; Patterson, 2002; Stacey & Biblarz, 2001; Vecho & Schneider, 2005). Os estudos têm, sobretudo, pretendido dar resposta a representações preconceituosas da parentalidade lésbica e gay, que Patterson (1992) sistematizou da seguinte forma: i) por não disporem de uma figura materna e paterna, as crianças educadas em contexto homoparental não se iriam desenvolver de forma harmoniosa e saudável, apresentando dificuldades em termos do seu desenvolvimento psicológico; ii) ser educado por gays ou lésbicas poderia comprometer o desenvolvimento da identidade sexual e de género, propiciando a homossexualidade; iii) as crianças seriam vítimas de discriminação, dada a homofobia que impera na sociedade e iv) as crianças correriam maior risco de ser vítimas de abuso sexual.

---

<sup>1</sup> A reflexão e investigação psicológicas sobre a homoparentalidade são ainda escassas em Portugal (veja-se, a título de exemplo, as seguintes excepções: Ferreira, 2006; Leal, 2004).

Não obstante terem sido alvo de algumas críticas,<sup>2</sup> estas investigações permitiram acumular um sólido corpo de resultados que contrariam as previsões anteriores. No entanto, as representações preconceituosas da homoparentalidade parecem subsistir. Este preconceito poderá constituir um factor de stresse adicional para as famílias homoparentais, particularmente se for sentido no relacionamento com os profissionais cujo papel é prestar assistência às suas necessidades educacionais, de saúde e psicossociais. Um estudo constatou, por exemplo, que mães lésbicas com mais experiências de rejeição institucional apresentavam também níveis mais elevados de stresse parental (Bos, van Balen, van den Boom, & Sandfort, 2004).

É nosso objectivo neste trabalho confrontar algumas das evidências acumuladas ao longo de cerca de 40 anos de investigação sobre o desenvolvimento das crianças educadas em contexto homoparental, com as crenças que persistem sobre este assunto, nomeadamente aquelas que são evidenciadas por estudantes e profissionais de áreas psicossociais. Veremos, seguidamente, alguns dos factos científicos recolhidos sobre o desenvolvimento de crianças que nasceram e/ou cresceram numa família homoparental.

## 2. OS FACTOS

Dada a tendência para se atribuir a custódia das crianças ao progenitor do sexo feminino e as restrições que os homens enfrentam para concretizar um projecto parental foram, sobretudo, estudadas mães lésbicas e os seus filhos (Biblarz & Stacey, 2010; Vecho & Schneider, 2005). Este conjunto de estudos debruçou-se principalmente sobre os seguintes aspectos do desenvolvimento infanto-juvenil: sexualidade, desenvolvimento psicossocial geral e relações sociais/possibilidade de discriminação.

No que diz respeito ao *desenvolvimento psicosexual*, três aspectos mereceram a atenção dos investigadores: orientação sexual, identidade de género e comportamentos ou papéis de género. Relativamente à possibilidade de transmissão da orientação sexual, de acordo com Vecho e Schneider (2005), 85% dos estudos verificaram uma proporção de filhos homossexuais semelhante à encontrada na população geral, isto é, entre 0 a 10%. A larga maioria das investigações também não encontrou provas do desenvolvimento de uma identidade de género contrária ao sexo biológico (Vecho & Schneider, 2005). Quanto aos

---

<sup>2</sup> De acordo com alguns autores (e.g., Clarke, 2000), ao considerar o exercício da parentalidade por pessoas homossexuais como eventualmente prejudicial, a investigação está ela própria a ser vítima de um enviesamento heterossexista. Na nossa opinião, a comparação com famílias heteroparentais foi essencial para avaliar os fundamentos das atitudes sociais preconceituosas relativamente à homoparentalidade. Efectivamente, abordagens quantitativas e diferenciais são essenciais nos momentos em que se estabelecem as bases de áreas de investigação controversas e das quais depende a tomada de decisão de diversas instituições. No entanto, não podemos deixar de considerar também que a utilização desta abordagem é limitativa. A utilização de um grupo de controlo heterossexual pode mesmo constituir-se como um obstáculo à compreensão mais aprofundada das dinâmicas próprias às famílias homoparentais (Patterson, 1992). Além disso, como alguns autores assinalaram (e.g., Ferreira, 2006), além dos factores de risco é importante considerar também os factores de protecção, investigando, por exemplo, quais são os recursos de que as famílias homoparentais dispõem para gerir as situações de discriminação.

comportamentos/papéis de género, estes mostraram ser mais flexíveis, provavelmente devido ao seu carácter sociocultural (e.g., Bigner, 1999; González, Chacón, Gómez, Sánchez, & Morcillo, 2003; Green, Mandel, Hotvedt, Gray, & Smith, 1986; MacCallum & Golombok, 2004; Tasker & Golombok, 1995).

No que diz respeito ao *desenvolvimento psicossocial*, as avaliações do comportamento da criança feitas pelos pais não revelaram diferenças substanciais entre as famílias heteroparentais e as famílias homoparentais. Os estudos que incidiram sobre as avaliações feitas pelos professores também observaram, de uma forma consensual, semelhanças entre os dois grupos (Chan, Brooks, Raboy, & Patterson, 1998; Chan, Raboy, & Patterson, 1998; Flaks, Ficher, Masterpasqua, & Joseph, 1995). Considerando as auto-avaliações das crianças, Golombok et al. (2003) não deram conta de nenhuma diferença entre crianças de famílias heteroparentais e homoparentais, no plano da hiperactividade, sintomas emocionais ou problemas de comportamento. No que diz respeito ao auto-conceito e à auto-estima, também não foram reportadas, de forma geral, diferenças significativas (e.g., Gershon, Tschann, & Jemerin, 1999; Vanfraussen, Ponjaert-Kristoffersen, & Brewaeys, 2003a). O único resultado claramente negativo, no que diz respeito ao auto-conceito, foi detectado no primeiro momento de avaliação do estudo longitudinal de Golombok, Tasker e Murray (1997): crianças com seis anos, provenientes de famílias monoparentais femininas (mães heterossexuais ou lésbicas), descreviam-se como significativamente menos competentes física e cognitivamente do que os seus pares. No entanto, esta diferença desapareceu quando as crianças foram entrevistadas seis anos mais tarde (MacCallum & Golombok, 2004). Por sua vez, Gershon et al. (1999), constataram que a auto-estima dos adolescentes era mais baixa quando a estigmatização percebida era mais elevada, embora este efeito fosse moderado pelas estratégias de *coping* utilizadas. Nenhuma das investigações nas quais foi avaliado o funcionamento cognitivo mostrou qualquer diferença significativa entre os filhos de famílias homo e heteroparentais (Flaks et al., 1995; Green et al., 1986; Kirkpatrick, Smith, & Roy, 1981, in Vecho & Schneider, 2005). Estudos mais recentes verificaram que, relativamente aos seus congéneres, as crianças com mães lésbicas percebiam as suas mães como mais disponíveis e dignas de confiança (MacCallum & Golombok, 2004); discutiam com elas mais temáticas de carácter emocional (incluindo o próprio desenvolvimento sexual) (Vanfraussen et al., 2003a); e tinham um melhor desempenho escolar (MacCallum & Golombok, 2004; Wainright, Russell, & Patterson, 2004). Crianças espanholas, educadas em contexto homoparental, estudadas por González, Morcillo, Sánchez, Chacón e Gómez (2004) revelaram também estar bem adaptadas do ponto de vista emocional e comportamental.

Finalmente, quanto às *relações sociais* das crianças com os seus pares e sua eventual discriminação, os resultados não são unânimes. Alguns estudos indicaram que as crianças provenientes de famílias homoparentais se percepcionavam tão aceites e populares como os seus colegas provenientes de famílias heteroparentais (Green et al., 1986; Golombok et al., 2003). Adicionalmente, as mães lésbicas também não reportavam mais problemas de aceitação dos seus filhos pelos seus colegas do que as mães heterossexuais (Green et al.,

1986; Gartrell et al., 2000). Por sua vez, Tasker e Golombok (1995) verificaram que os jovens adultos que haviam crescido com mães lésbicas não se lembravam de ter sido mais alvo de discriminação pelos pares durante a infância e a adolescência; tão-pouco se lembravam de episódios mais prolongados de discriminação, nem de mais brigas com os colegas sobre o estilo de vida das suas mães. Apenas se verificou uma tendência (embora não significativa) para as crianças serem alvo de piadas sobre a sua própria sexualidade. Em França, Nadaud (2000, in Nadaud, 2002) encontrou algumas dificuldades de interação social no grupo de crianças estudadas; contudo, utilizando o mesmo instrumento, Flaks et al. (1995) não observaram as mesmas dificuldades na sua amostra de crianças americanas. A inexistência de discriminação foi também reportada na Bélgica (Vanfraussen et al., 2003a e 2003b). González et al. (2004) constataram que as crianças por si estudadas estavam integradas socialmente (dados obtidos através dos colegas e de auto-relatos).

A ausência de consenso nesta temática chama atenção para a provável influência do contexto social, mais ou menos liberal ou discriminatório, em que as investigações foram conduzidas. Não obstante, os estudos descritos mostram, de forma consistente, que as crianças educadas em contexto homoparental se desenvolvem tão bem como os seus pares. Observaremos, de seguida, se as crenças relativas ao impacto da homoparentalidade no desenvolvimento das crianças reflectem estas conclusões.

### 3. AS CRENÇAS

Como salientou Alarcão, “parece que o maior risco para estas famílias [homoparentais] está na atitude segregadora da sociedade heterossexual” (2000, p. 230). Efectivamente, a situação em Portugal suscita alguma preocupação, dados os índices de homofobia que ainda se verificam. Comparativamente com a média europeia, os portugueses afirmam sentir-se menos à vontade com a ideia de ter um vizinho homossexual e apresentam menor probabilidade de conhecer ou ter como amigo uma pessoa homossexual (Eurobarómetro, 2008). Neste quadro, não é surpreendente que apenas 19% concordem com a adopção por casais homossexuais (sendo a média europeia de 32%) (Eurobarómetro, 2007). No que diz respeito ao preconceito evidenciado por profissionais da rede psicossocial contra as pessoas homossexuais, os estudos são mais escassos. Um inquérito recente revelou que 13% dos sujeitos de uma amostra de pessoas homossexuais portuguesas (N=353) relataram experiências de discriminação por profissionais de saúde (Policarpo, Silva, & Monteiro, 2008). Um viés heterossexista, isto é, o facto de se atribuir mais valor à heterossexualidade do que à homossexualidade, foi também detectado no discurso de técnicos de saúde mental portugueses (Moita, 2006).

No que diz especificamente respeito às atitudes perante a homoparentalidade, Fraser, Fish e Mackenzie (1995) avaliaram as reacções de estudantes de Psicologia canadianos relativamente a decisões judiciais de atribuição de custódia de uma criança, em função da orientação sexual do progenitor. De uma forma geral, os resultados sugeriram que os

participantes (particularmente os do sexo masculino) concordavam menos com a atribuição da custódia a um progenitor homossexual. Estas reacções relacionavam-se também com o nível de homofobia evidenciado pelos sujeitos. Investigando as atitudes de estudantes universitários norte-americanos, Crawford e Solliday (1996) verificaram que um casal homossexual masculino era visto como mais instável do ponto de vista emocional, como possuindo menos competências parentais e com maior probabilidade de criar um ambiente perigoso para uma criança, quando comparado com um casal heterossexual. McLeod, Crawford e Zechmeister (1997, in McLeod & Crawford, 1998) compararam a forma como estudantes universitários norte-americanos avaliavam um casal homossexual masculino e um casal heterossexual e o seu filho adoptivo (rapaz). Cada núcleo familiar foi apresentado no contexto de uma discussão ambígua e de pouca gravidade. Além da competência parental dos casais, os participantes avaliaram em que medida o mal-estar da criança podia ser imputado à relação entre os pais, em que medida a atribuição da custódia aos avós seria benéfica para a criança, bem como a qualidade do relacionamento da criança com os seus pares, o nível de stresse a que estava a ser sujeita, o seu mal-estar decorrente de dúvidas relativamente ao seu papel de género, identidade de género e orientação sexual. Embora não tenham sido identificadas diferenças em termos da avaliação das competências parentais, os pais homossexuais foram percebidos como mais afectuosos e passando mais tempo de qualidade com o filho. Contudo, verificou-se uma tendência para associar os problemas da criança ao relacionamento entre os pais, somente no caso do casal homossexual, sendo a atribuição da custódia aos avós também considerada mais benéfica nesta situação. Esta aparente contradição foi explicada pelos autores pelo facto de os sujeitos perceberem que o rapaz criado pelo casal homossexual estava mais sujeito a experienciar problemas no seu desenvolvimento psicossocial. Este receio acentuava-se ainda mais quando os gays eram percebidos como mais efeminados. Avaliando as atitudes de psicólogos, Crawford, McLeod, Zamboni e Jordan (1999) verificaram que, embora a maioria tenha manifestado atitudes positivas relativamente à parentalidade lésbica e gay, aqueles que se consideravam mais religiosos e que consideravam a homossexualidade como o resultado de uma opção eram mais apreensivos relativamente à homoparentalidade. Camilleri e Ryan (2006) avaliaram as atitudes face à homoparentalidade, assim como o conhecimento desta temática, junto de uma amostra de estudantes de Serviço Social australianos. Embora tivessem evidenciado atitudes positivas e revelado um conhecimento moderado sobre a homoparentalidade, consideraram como insuficiente a abordagem deste tema no currículo.

Dados preliminares de um estudo português sobre as atitudes de futuros profissionais de áreas psicossociais<sup>3</sup> (Psicologia, Serviço Social, Educação Social, Medicina, Enfermagem, Ensino Básico, Educação de Infância, Sociologia e Direito), indicaram que, embora estes não antecipassem mais problemas emocionais numa criança adoptada por pessoas homossexuais

---

<sup>3</sup> Tal como em investigações anteriores, neste estudo foram utilizadas vinhetas com uma situação de adopção, com manipulação da orientação sexual dos progenitores, do seu estatuto conjugal e do género das crianças adoptadas. Posteriormente, os sujeitos foram questionados sobre (i) a competência das figuras parentais em questão e (ii) o desenvolvimento psicológico da criança adoptada.

do que numa criança adoptada por pessoas heterossexuais, anteviam uma maior probabilidade de crianças adoptadas por pessoas homossexuais virem a manifestar uma preferência homossexual e de serem vítimas de discriminação (Gato, Fontaine, & Carneiro, 2010). Se, por um lado, estes dados sugerem uma visão consistente com os resultados da investigação sobre o desenvolvimento infanto-juvenil de crianças provenientes de famílias homoparentais, por outro lado, indiciam a subsistência de algum enviesamento, nomeadamente no que diz respeito à percepção de maior probabilidade de uma orientação homossexual. Quanto à percepção de uma maior possibilidade de discriminação pelos pares, esta não configura, necessariamente, a presença de um preconceito, podendo reflectir, simplesmente, a consciência dos índices de homofobia que ainda se verificam na sociedade portuguesa. No entanto, desaconselhar a adopção apenas com base na orientação sexual dos pais pode ter como consequências, quer a responsabilização daqueles que são, precisamente, o alvo de opressão, conduzindo ao chamado “blame the victim” (Ryan, 1971, in Waller, 2001), quer a ocultação de qualquer responsabilidade social e pessoal na formação e manutenção da discriminação contra as mães e pais homossexuais. De salientar ainda que 46% dos estudantes inquiridos (N=1288) nunca tiveram contacto com informação científica sobre homossexualidade/homoparentalidade no âmbito das licenciaturas que frequentam. Esta percentagem sobe para valores na ordem dos 80% no caso dos cursos de Ensino Básico e Educação de Infância.

Globalmente, os estudos apresentados evidenciam uma perspectiva heterossexista da parentalidade, i.e., um favorecimento implícito e sistemático das situações de parentalidade heterossexual. É também visível uma associação entre atitudes mais negativas face à homoparentalidade e (i) índices mais elevados de homofobia, (ii) maior adesão a estereótipos sobre a homossexualidade masculina, (iii) nível mais elevado de religiosidade, (iv) crença no facto de a homossexualidade ser uma opção e (v) pertença ao género masculino. Parecem também existir dificuldades de acessibilidade a informação científica sobre esta temática, nomeadamente em Portugal, o que poderá contribuir para a manutenção de percepções enviesadas sobre a homoparentalidade.

#### **4. CONCLUSÃO**

Criar uma sociedade mais justa e tolerante, com implicações para a segurança de qualquer criança, é um desafio social e educativo. Esperamos que os resultados deste estudo possam constituir material de reflexão para os responsáveis pela formação nos cursos que preparam pessoas que lidarão com pessoas no contexto psicossocial, no sentido de se proceder aos necessários ajustamentos, quer em termos da informação científica que é veiculada sobre a homoparentalidade, quer da consciencialização dos futuros profissionais de áreas psicossociais sobre a sua responsabilidade na eliminação do preconceito.

## REFERÊNCIAS

- Alarcão, M. (2000). *(Des)equilíbrios familiares: Uma visão sistémica*. Coimbra: Quarteto.
- Anderssen, N., Amlie, C., & Ytteroy, E. (2002). Outcomes for children with lesbian or gay parents: A review of studies from 1978 to 2000. *Scandinavian Journal of Psychology*, 43(3), 335-351.
- Biblarz, T. J. & Stacey, J. (2010). How does the gender of parents matter? *Journal of Marriage and Family*, 72, 3-22.
- Bigner, J. J. (1999). Raising our sons: Gay men as fathers. *Journal of Gay and Lesbian Social Services: Issues in Practice, Policy and Research*, 10, 61-77.
- Bos, H. M., van Balen, F., van den Boom, D., & Sandfort, T. G. (2004). Minority stress, experience of parenthood and child adjustment in lesbian families. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 22(4), 291-304.
- Camilleri, P. & Ryan, M. (2006). Social work students' attitudes toward homosexuality and their knowledge and attitudes toward homosexual parenting as an alternative family unit: An Australian study. *Social Work Education*, 2(3), 288-304.
- Chan, R. W., Brooks, R. C., Raboy, B., & Patterson, C. J. (1998). Division of labor among lesbian and heterosexual parents: Associations with children's adjustment. *Journal of Family Psychology*, 12(3), 402-419.
- Chan, R. W., Raboy, B., & Patterson, C. J. (1998). Psychosocial adjustment among children conceived by lesbian and heterosexual mothers. *Child Development*, 69(2), 443-457.
- Clarke, V. (2000). Stereotypes, attack and stigmatize those who disagree: Employing scientific rhetoric in debates about lesbian and gay parenting. *Feminism and Psychology*, 10(1), 152-159.
- Crawford, I., McLeod, A., Zamboni, B., & Jordan, M. (1999). Psychologists' attitudes toward gay and lesbian parenting. *Professional Psychology: Research and Practice*, 30(4), 394-401.
- Crawford, I. & Solliday, E. (1996). The attitudes of undergraduate college students toward gay parenting. *Journal of Homosexuality*, 30, 4, 63-77.
- Eurobarómetro. (2007). *Special Eurobarometer 263 "Discrimination in the European Union" EU25*. Retirado de [http://ec.europa.eu/public\\_opinion/archives/ebs/ebs\\_263\\_su\\_en.pdf](http://ec.europa.eu/public_opinion/archives/ebs/ebs_263_su_en.pdf)
- Eurobarómetro. (2008). *Discrimination in the European Union 2008, Results for Portugal*. Retirado de [http://ec.europa.eu/public\\_opinion/archives/ebs/ebs\\_296\\_sheet\\_pt.pdf](http://ec.europa.eu/public_opinion/archives/ebs/ebs_296_sheet_pt.pdf)
- Ferreira, E. (Ed.) (2006). *Actas do encontro sobre homoparentalidade*. Lisboa: ISPA Edições.
- Flaks, D. K., Ficher, I., Masterpasqua, F., & Joseph, G. (1995). Lesbians choosing motherhood: A comparative study of lesbian and heterosexual parents and their children. *Developmental Psychology*, 31(1), 105-114.
- Fraser, I., Fish, T., & Mackenzie, T. (1995). Reactions to child custody decisions involving homosexual and heterosexual parents. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 27(1), 52-63.
- Gartrell, N., Banks, A., Reed, N., Hamilton, J., Rodas, C., & Deck, A. (2000). The National Lesbian Family Study, 3. Interviews with mothers of five-year-olds, *American Journal of Orthopsychiatry*, 70, 542-548.
- Gato, J., Fontaine, A. M., & Carneiro, N. S. (2010). Percepção de futuros profissionais de áreas psicossociais sobre o desenvolvimento psicológico de crianças educadas em famílias homoparentais. In C. Nogueira, I. Silva, L. Lima, A. T. Almeida, R. Cabecinhas, R. Gomes, C. Machado, A. Maia, A. Sampaio & M. C. Taveira (Eds.), *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*. Disponível em [http://www.actassnip2010.com/conteudos/actas/PsiFam\\_3.pdf](http://www.actassnip2010.com/conteudos/actas/PsiFam_3.pdf)
- Gershon, T., Tschann, J., & Jemerin, J. (1999). Stigmatization, self-esteem, and coping among the adolescent children of lesbian mothers. *Journal of Adolescent Health*, 24, 437-445.

- Golombok, S., Perry, B., Burston, A., Murray, C., Mooney-Somers, J., Stevens, M., & Golding, J. (2003). Children with lesbian parents: A community study. *Developmental Psychology*, 39(1), 20-33.
- Golombok, S., Tasker, F., & Murray, C. (1997). Children raised in fatherless families from infancy: Family relationships and socioemotional development of children of lesbian and heterosexual mothers. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 38(7), 783-791.
- González, M. M., Chacón, F., Gómez, A., Sánchez, M. A., & Morcillo, E. (2003). Dinámicas familiares, organización de la vida cotidiana y desarrollo infantil y adolescente en familias homoparentales. In *Estudios e investigaciones 2002* (pp. 521-606), Madrid, Oficina del Defensor del Menor de la Comunidad de Madrid.
- González, M. M., Morcillo, E., Sánchez, M. A., Chacón, F., & Gómez, A. (2004). Ajuste psicológico e integración social en hijos e hijas de familias homoparentales. *Infancia y Aprendizaje*, 27(3), 327-343.
- Green, R., Mandel, J., Hotvedt, M., Gray, J., & Smith, L. (1986). Lesbian mothers and their children: A comparison with solo parent heterosexual mothers and their children. *Archives of Sexual Behavior*, 15(2), 167-184.
- Leal, I. (2004). Parentalidades. Questões de género e orientação sexual. In A.F. Cascais (Org.), *Indisciplinar a teoria: Estudos gays, lésbicos e queer* (pp. 215-243). Lisboa: Fenda.
- MacCallum, F. & Golombok, S. (2004). Children raised in fatherless families from infancy: A follow-up of children of lesbian and single heterosexual mothers at early adolescence. *Journal of Psychology and Psychiatry*, 45, 1407-1419.
- McLeold, A. & Crawford, I. (1998). The postmodern family: An examination of the psychosocial and legal perspectives of gay and lesbian parenting. In G. M. Herek (Ed.), *Stigma and sexual orientation: Understanding prejudice against lesbians gay men and bisexuals* (pp. 211-222). London: Sage Publications.
- Moita, G. (2006). A patologia da diversidade sexual: Homofobia no discurso de clínicos. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 76, 53-72.
- Nadaud, S. (2002). *Homoparentalité: Une nouvelle chance pour la famille?* Paris: PUF.
- Patterson, C. J. (2002). Lesbian and gay parenthood. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting, Vol 3: Being and becoming a parent* (pp. 317-338). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Policarpo, V., Silva, F. V., & Monteiro, T. L. (2008, Setembro). Family, individualization and homosexual experiences in Portugal: Some data from a survey, comunicação apresentada na CFR Conference: Family Diversity & Gender, Lisboa.
- Stacey, J. & Biblarz, T. J. (2001). (How) Does the sexual orientation of parents matter? *American Sociological Review*, 66, 159-183.
- Tasker, F. & Golombok, S. (1995). Adults raised as children in lesbian families. *American Journal of Orthopsychiatry*, 64(2), 203-215.
- Vanfraussen, K., Ponjaert-Kristoffersen, I., & Brewaeys, A. (2003a). Why do children want to know more about the donor? The experience of youngsters raised in lesbian families. *Journal of Psychosomatic Obstetric Gynaecology*, 24(1), 31-38.
- Vanfraussen, K., Ponjaert-Kristoffersen, I., & Brewaeys, A. (2003b). Family functioning in lesbian families created by donor insemination. *American Journal of Orthopsychiatry*, 73(1), 78-90.
- Veche, O. & Schneider, B. (2005). Homoparentalité et développement de l'enfant: Bilan de trente ans de publications. *La Psychiatrie de l'Enfant*, 481, 271-328.
- Wainright, J. L., Russell, S. T., & Patterson, C. J. (2004). Psychosocial adjustment, school outcomes, and romantic relationships of adolescents with same-sex parents. *Child Development*, 75(6), 1886-1898.
- Waller, M.A. (2001). Resilience in ecosystemic context: Evolution of concept. *American Journal of Orthopsychiatry*, 71(3), 1-8.